

A Mantilha de Medronhos. Impressões e recordações de Espanha de Eugénio de Castro: caminhos e processos de uma imagem de Espanha à volta de 1920

José Adriano de Freitas Carvalho
Universidade do Porto

A Mantilha de Medronhos é, talvez como outros de Eugénio de Castro, um título estranho e do qual não conseguimos estabelecer as bases de qualquer simbolismo erudito que o poeta explorasse nem a elaboração de qualquer simbolismo intratextual ao longo dessa colecção de 25 sonetos. É, porém, certo que logo no poema de abertura – *Olé, olé, salero!* – Eugénio de Castro diz «de medronhos compus farta mantilha / para alindar com ela a minha Musa: Portuguesa, parece uma andalusa / envolta em rico xaile de Manilha»¹, o que poderia sugerir que a mantilha teria as duas cores portuguesas – vermelha (o medronho) e verde (as folhas do medronheiro) – ainda que, como havemos de acentuar, vistas desde Espanha, essa Espanha que, como para muitos portugueses cultos e menos cultos que o poeta e não apenas da sua geração, quase sempre se identificava – ou começava por identificar-se – com a Andaluzia. Curiosamente, o vermelho do medronho servirá ainda para sugerir a cor dos lábios de uma mulher, não, curiosamente, os de uma espanhola..., mas, sim, de uma inglesa que o poeta encontrou em La Alhambra... Como se podia esperar, se tinha «tez albirosada, / louras tranças...», não trazia mantilha... Convirá, porém, esclarecer imediatamente que não vamos ocupar-nos de *A Mantilha de Medronhos* do ponto de vista do seu significado na história literária portuguesa, isto é, dentro das correntes mais ou menos homogêneas que concorrem no Simbolismo português de que é considerado o fundador² e, mesmo para o Modernismo espanhol³, um mestre – a obra, aliás, é considerada «pouco significativa» desde esta perspectiva⁴ –, mas, sim, muito mais modestamente, como documento de uma visão puramente

1. Em todas as nossas referências seguimos a «Segunda edição», Lisboa, Porto, Coimbra, Lumen, 1923.

2. José Carlos Seabra PEREIRA, «A nova poesia do fim do século: Eugénio de Castro, Camilo Pessanha, António Nobre», in *História da Literatura Portuguesa* (dir. Carlos Reis), vol. VI (*Do Simbolismo ao Modernismo*), Lisboa, Alfa, 2003, 28-45.

3. António Apolinário LOURENÇO, «Simbolismo português – Modernismo espanhol», in *Estudos de literatura comparada luso-espanhola*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2005, 93-104.

4. José Carlos Seabra PEREIRA, «A nova poesia», 45.

poética – aparentemente – de Espanha entre os fins do século XIX e 1922, termo *ad quem* dos poemas mais recentes do livro e de algum dos seus paratextos.

Convirá recordar que no conjunto da vasta obra de Eugénio de Castro *A Mantilha de Medronhos* é um livro singular, pois, se não lemos distraidamente, é o único conjunto de poemas integralmente dedicados a evocar algumas cidades de um país que o poeta visitou. Eugénio de Castro, um frequente viajante através da Europa por gosto – «eu que sempre tive a paixão das viagens»⁵ – e em missões universitárias e convites académicos e ainda, levado, segundo diz, pela leitura de *Por tierras de Portugal y España* (1911) de Miguel de Unamuno⁶, numa espécie de «viagens ao pé da porta», através de Portugal de que deixou algumas evocações nas suas *Cartas de torna-viagem* (1926-1927), apesar de em 1924 poder, com algum snobismo, escrever que «há trinta e cinco anos que conheço Paris como as minhas mãos, e que repetidas vezes transito, sem estranheza, da pacatez provinciana de Coimbra para a barafunda estrepidosa e cosmopolita da grande cidade do Sena»⁷, não parece ter publicado – não estamos a dizer que não escreveu – qualquer poema dedicado nem a Paris nem a França e muito menos um livro de poemas como o que dedicou a Espanha.

Quando em 1889, ano em que, com vinte anos, partiu «para o estrangeiro, na voluptuosa missão de ver novas terras, nova gente, palácios lendários e lendários rios, velhas catedrais, velhos castelos e museus de arte»⁸, Eugénio de Castro, atravessando-a em direcção a França, demorou-se logo em alguma cidade de Espanha – Salamanca e Burgos, por exemplo. Assim o documentam o seu folheto *Viagem a Salamanca*⁹ e a evocação de Burgos e da sua catedral em *Oaristos* (1890). Podemos, contudo, precisar ainda outras visitas a Espanha em 1900, ano em que, como recorda vinte e quatro anos mais tarde, vai, pela primeira vez, à Galiza¹⁰, e muito especialmente em 1909, data em que, como há-de igualmente lembrar, fez parte do júri dos jogos florais hispano-portugueses em Salamanca que «grandes amargos de boca» lhe dariam¹¹. Ele mesmo, penitenciando-se,

5. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, Coimbra, Atlântida, 1926, vol. I, 26.

6. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 103-105: «Há dias, relendo um livro de meu velho amigo D. Miguel de Unamuno, *Por tierras de Portugal y España*, encontrei lá a seguinte observação, que me deu rebates de consciência: «Espanña, se ha dicho muchas veces, está por conocer para los españoles». O que sucede em Espanha sucede também em Portugal, figurando eu, com vergonha o confesso, entre os numerosíssimos portugueses, que da sua pátria só conhecem uma parte relativamente insignificante. [...] A observação de Unamuno, que há pouco citei, reacendeu em mim os velhos propósitos, sucessivamente adiados, de resgatar o meu velho pecado, percorrendo finalmente e sem mais demora todas as províncias de Portugal, escalando todas as suas montanhas, atravessando todos os seus rios, divagando por todas as suas matas, lezírias, prados, charnecas, praias e veigas, visitando todas as suas cidades, vilas e aldeias, fazendo, numa palavra, o patrótico reconhecimento desta linda terra, que tanto tem para ver e de que até hoje tão pouco tenho visto...». A sugestão pode ter, efectivamente, sido suscitada pela leitura de Miguel de UNAMUNO – cf. «Excursión» in *Por tierras de Portugal y España*, Madrid, Espasa-Calpe, 1960 (5ª ed.), 120-121 – mas o programa poderia ser uma actualização de alguma página de Ramalho...

7. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 53.

8. Eugénio de CASTRO, *Viagem a Salamanca*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1969, 13. De Salamanca (30.6.1889) data um dos sonetos de *Oaristos* (cf. Eugénio de CASTRO, *Obras poéticas*, Reprodução fac-similada dirigida por Vera Vouga, I, Lisboa, Campo das Letras, 2001, 55).

9. Eugénio de CASTRO (cf. *Viagem a Salamanca*, 15-19) evoca a sua chegada à noite a uma cidade que o deixa admirado com a sua animação contrastando com «a discreta, melancólica e pacatíssima Coimbra».

10. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 167.

11. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 183, 184; Enrique ESPERABÉ DE ARTEAGA em nota que escreveu para o «Suplemento Extraordinario» de *El Adelanto* de 29.9.1934 sobre «El Doctorado *honoris causa* de Eugenio de Castro»

em 1924, de desconhecer Portugal, afirma ter, então, já «estado muitas vezes [...] em Madrid» e atravessado a Serra Morena¹²... Efectivamente, atravessou-a, pelo menos, em 1917 para chegar a Granada, onde nessa data representou a Universidade de Coimbra nas festas de homenagem a Francisco Suárez... Volta a Espanha em 1923 proferindo palestras – no Instituto Francês de Madrid sobre o Simbolismo e em «la sin par Residencia de Estudiantes» – a expressão é de Santos Juliá¹³ – acerca dos sonetistas portugueses – e participando «con memorias y discurso en el IX Congreso de las Ciencias» em Salamanca¹⁴. No ano seguinte, 1924, quando se dirigia a França – Bordéus..., Toulouse..., Lyon..., Paris... – passa «cinco deleitosos dias» em Madrid «donde se avistavam as neves do Guadarrama, mas onde já ardiavam nas vitrinas das floristas e nas cabeças das raparigas, as chamas dos cravos andaluzes»¹⁵. Nesse mesmo ano voltamos a encontrá-lo na capital de Espanha, representando a Universidade de Coimbra nas festas em honra de Camões e, como recorda numa dessas *Cartas de torna-viagem* («De Coimbra à Coruña»¹⁶), nessa mesma data andarà pela Galiza a convite da Real Academia Galega que, com uma conferência sua sobre os sonetos de Camões, comemorava o centenário do «nascimento» do autor das *Rimas*. Estes anos, 1923 e 1924, os primeiros tempos da ditadura de Primo de Rivera, ultrapassam a data da publicação de *A Mantilha de Medronhos* (1923) e, por isso, não podiam ter eco nessa obra, tal como a sua viagem a Salamanca em 1934 representando de novo a sua universidade nas homenagens a Miguel de Unamuno por motivo da sua jubilação, contexto em que o poeta português, já «Doutor *honoris causa*» por Lyon, Toulouse e Estrasburgo, recebe a mesma honra em Salamanca¹⁷. De *A Mantilha de Medronhos* as poesias mais recentes e, talvez mesmo todos os paratextos, são, como já aludimos, de 1922, ano em que estive, ao parecer pela primeira vez, na Residencia de Estudiantes palestrando sobre Castilho¹⁸ – terão Luis Buñuel e José Bello, então já residentes (Lorca voltará um pouco mais tarde, Fevereiro de 1923¹⁹) assistido à sua conferência? – e em que leu poemas seus no *Ateneo* de Madrid²⁰. De qualquer modo, nesses dias de Março de 1922 é recebido por Afonso XIII, a quem dedicará «estes versos escritos em louvor do glorioso reino que tão galhardamente ostenta nas cores da bandeira nacional o oiro puro do seu génio e o sangue ardente da sua alegria». Esta dedicatória é seguida de uma outra – que é também o primeiro soneto do livro («Olé, olé, salero») –

– grau que lhe foi concedido no mesmo dia em que se jubilou Miguel de Unamuno – recorda que o poeta «contribuyó no poco a la resonancia del torneo, mediante su intervención directa y continuada».

12. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 104-105.

13. Santos JULIÁ, *Historias de las dos Españas*, Madrid, Taurus, 2006 (1ª ed., 2004), 543.

14. Cf. Enrique ESPERABÉ DE ARTEAGA na nota já referida que escreveu para o «Suplemento Extraordinario» de *El Adelanto* de 29.9.1934 sobre «El Doctorado *honoris causa* de Eugenio de Castro».

15. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 27.

16. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 165-167.

17. O «Suplemento Extraordinario» de *El Adelanto* de 29.9.1934 homenageando D. Miguel de Unamuno desdobrou-se numa homenagem a Eugénio de Castro em razão desse seu Doutoramento *honoris causa*. Agradecemos penhoradamente a Jacobo Sanz Hermida o ter-nos facilitado o acesso a esta documentação.

18. Andrés González Blanco, admirador e tradutor de Eugénio de Castro e a quem se deve, como é bem sabido, um longo estudo sobre o poeta, publicado em *Hispania* (V, Juillet-Septembre, 1922) e aproveitado como introdução ao III vol. (*Sagramor*) das *Obras poéticas* (Lisboa, Imp. Nacional, 1928), 7 alude a esta conferência.

19. Ian GIBSON, *Vida, pasión y muerte de Federico García Lorca (1898-1936)*, Barcelona, Plaza & Janés, 1998, 141, 193.

20. Curiosamente, Pedro Sainz Rodríguez, em *Testimonio y recuerdos* – obra fundamental, qualquer que seja o ponto de vista do seu leitor, sobre os anos vinte do século passado em Madrid –, apesar de amigo do secretário da Secção de Literatura do *Ateneo* tradutor de Eugénio de Castro e de ter feito parte da comissão organizadora do banquete oferecido ao poeta em 15.3.1922, não recorda qualquer actividade de E. de Castro em Madrid.

dirigida a um fiel discípulo de António Sardinha, o marquês de Quintanar, futuro fundador de *Acción española* – movimento nacionalista e profundamente conservador e, depois de 1931, um dos viveiros de *Renovación Española*, o monárquico partido do conspirador Antonio Goicoechea²¹ e desse «conspirador contestatário» que sempre diz ter sido Pedro Sainz Rodríguez – em que em linguagem menos eloquente e mais costumbrista, a sua Musa, «a boca subtil, do pimentão [avivando] os ardores», cantando, ao «som da bandurra», «não os fados da tristeza lusa», mas a seguidilha, «alindada» com mantilha – de medronhos, naturalmente –, com «pente de rendada tartaruga», leva ainda «nas mãos um leque, e nos cabelos / grandes cravos vermelhos e amarelos, /da espanhola bandeira ardentes cores»... A dedicatória, de homenagem, erguendo-se em retrato de uma portuguesa vestida de sevilhana, acaba por revelar-se a imagem simbólica da Espanha de Eugénio de Castro... Sejam os justos: das gerações dos meados do século XIX em diante...

Como diz o poeta na dedicatória a Alfonso XIII, *A Mantilha de Medronhos* são versos escritos em «louvor de Espanha» e não, obviamente, apesar de levar como subtítulo «*Impressões e recordações de Espanha*», um livro de viagens em verso..., o que não quer dizer que não traduza impressões de viagens suas por Espanha até 1922 e não ofereça, até certo ponto, ao elencar o que viu e aonde..., quem encontrou... e o que sentiu diante de monumentos e lugares uma espécie de guia para um viajante que percorra a mesma Espanha.

Partindo de Madrid, passando por El Escorial, Toledo, Salamanca e os seus arredores, Córdoba, Granada, Sevilha, Málaga, Mérida, Badajoz, Tuy, Vigo, Pontevedra, Santiago, La Coruña, Orense, o itinerário oferecido pelo poeta termina em Burgos... Um itinerário que se fosse legítimo avaliá-lo pela atenção que dedica às cidades que «canta» agrupadas por províncias, dir-se-ia privilegiar a Galiza, com os seus 7 sonetos contra os 6 que dedica a Castilla la Nueva, 5 a Andalucía, 3 à Extremadura e 2 a Castilla y León e um a Castilla la Vieja. Seria uma hipótese, mas quando reflectimos sobre a biografia do viajante que em 1922 estabelece esse possível itinerário, o que, cremos, nos oferece, privilegiando-o, é, mesmo que, globalmente, assim não o confesse, um itinerário de memórias... Sabendo que, ponderando a passagem do tempo, de algumas cidades recorda uma visita anterior – «Uma tarde revivo de há cinco anos...», diz a propósito de Toledo..., «Depois de há muito tempo aqui ter estado / aqui estou eu, triste e cansado / vós não mudastes! Quem mudou fui eu!», constata, diante da Sierra Nevada e de Alhambra, numa visita a Granada que, «vinte anos» depois, não mais é que o verificar que foi «expulso da radiosa Alhambra dos [seus] sonhos» –, melancólica perspectiva que invade algumas páginas – que, pela data da publicação, se poderiam dizer quase contemporâneas de *A Mantilha de Medronhos* – das *Cartas de torna-viagem* – «havia já vinte e quatro anos (quási um quarto de século), que eu, então na força da vida, fôra pela primeira vez à Galiza [...] O velho que, depois duma longa ausência, volta aos sítios onde passou algumas horas doces e alegres da sua mocidade...»²² – facilmente se poderá aceitar que a disposi-

21. Hugh THOMAS, *La Guerra Civil Española*, Barcelona, Mondadori, 2004, I, 77, 122, 130; Santos JULIÁ, *Historia*, 277-279, 282; Pedro SAINZ RODRÍGUEZ, *Testimonio y recuerdos*, Barcelona, Planeta, 1978, 159.

22. O mesmo sentimento, o que o poeta se diria estranhar, se manifesta em relação a esse Paris que tão bem conhecia – «Era isto o que eu sentia dantes, sempre que ia a Paris. Mas tudo muda na vida. Ou seja porque eu comece a envelhecer, ou porque o movimento de Paris tenha aumentado consideravelmente nos últimos anos, tornando-se infernal, ou porque ambas as coisas sucedam, o certo é que, ao chegar lá, há um mês e meio, longe de me sentir feliz, como outróra, no meio daquela espessa e vertiginosa chusma de pessoas e de automóveis, o que eu experimentei desta vez foi um sentimento de repulsa...» – ou até a uma Braga em renovação – «Voltando há oito dias, a Braga, custou-me a reconhecê-la, tão remozada a fui encontrar e tão diversa daquela outra Braga, que me parecera teológicamente pesada e bisonha, como um volumoso e mofento compêndio de hermenêutica sagrada, encadernado em pele de bezerro, com a solidez dumas boti-

ção dos sonetos de *A Mantilha de Medronhos* parece corresponder a um itinerário de memória afectiva que partindo da experiência mais recente – a sua visita a Madrid em 1922, fixada em três sonetos – vai dispondo de outras experiências vividas «há cinco anos...» («Toledo» II)..., «há vinte anos» (Granada), há vinte e quatro anos... – os poemas que celebram as cidades galegas que visitara em 1900 e a que não voltará antes de 1924 –, para terminar em Burgos, nesse Burgos de que, como em 1889, celebra, ainda que mais rapidamente do que em *Oaristos*, a catedral... Deste modo, *A Mantilha de Medronhos*, desdobando o tempo, poderia também dizer-se um itinerário sentimental que, ao poeta, que talvez não a todos os seus leitores, permitia reencontrar, *à rebours*, a sua juventude em anos e em experimentalismos poéticos.

Começamos por destacar sumariamente o que viu – quer dizer o que, em determinado momento, mereceu ser destacado nas cidades – Espanha para Eugénio de Castro parece terem sido as cidades – que foi visitando.

Se exceptuarmos o caso de Madrid, Córdoba e, mais fugazmente, Badajoz, Eugénio de Castro não se demora a dar uma impressão geral da cidade que celebra. Da capital espanhola, nesse Março de 1922, em que «doideja no ar a guieira fina / que entre as neves dormiu do Guadarrama» – lembremos que da «juanromoneana» «Colina de los Chopos» onde está a Residência de Estudiantes de que, nesse ano, foi hóspede o poeta, se avistava a Serra de Guadarrama²³ –, destaca não só, como o faziam todos os viajantes²⁴, «na rua a turba rápida e ladina [que] gesticula, sorri, move-se e clama», mas também «por toda a parte flor's» – salientando que «ateada chama / é a rosa encarnada que

farras de caçador. Surpresa igual, pela intensidade, mas diametralmente oposta, pelas diferenças da mudança, deve ela ter sentido, ao ver-me, custando-lhe por seu turno a crer, que o velho que hoje sou, tenha sido o moço que fui e ela há já muitos anos vira passar despreocupado e lépido. Tenho pena de não poder confiar o meu rejuvenescimento, como ela fez à desembaraçada iniciativa duma vereação municipal» – cf. *Cartas de torna-viagem*, I, 54-55 (Coimbra, 15.7.1924), II, 102-103 (Coimbra, Maio de 1926), respectivamente.

23. Ian GIBSON, *Vida*, 131.

24. Escalonados entre 1865 e 1920, apenas cinco exemplos como amostra de uma ampla bibliografia a empreender: «... Em Madrid nunca é cedo; desde o romper da aurora que se encontram grupos passeando nas ruas e nas praças, conversando pausadamente, olhando tudo com atenção [...] É que Madrid é uma terra para passear, e nem a Hespanha a quer para outra coisa; parece que ali ninguém trabalha...» (Júlio César MACHADO, *Em Hespanha – Scenas de viagem*, Livraria de A. M. Pereira, Lisboa, 1865, 6); «A *Puerta del Sol* parece, do meio dia em diante, inundada d' um sol verdadeiramente peninsular, cruzada em todas as direcções por uma multidão immensa, alegre, variegada; ladeada de grupos diversísimos, de vitrines vistosas, de grandes construcções; cheia de pregões, de gritos, de pragas, d'assobios, de sedas, de farrapos, de leques, de *bastones*, de chicotes, de tudo, impressiona não só agradavelmente, mas extravagantemente todos os viajantes...» (Luciano CORDEIRO, *Viagens. Hespanha e França*, Lisboa, Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1874, 28); «Esta praça [*Puerta del Sol*] sem regularidade, sem árvores, sem flores, sem edificios elegantes ou luxuosos e sem ornamentações de espécie alguma, é todavia um lugar encantador. Em parte nenhuma se está tão bem. Basta ir para a *Puerta del Sol*, olhar e ver. As horas correm alegres e cheias. No dia seguinte volta-se. De manhã, à tarde, à noite está-se sempre bem. Enche-a constantemente uma multidão composta de todas as classes e de todos os tipos. O viajante pode ver todos os dias, naquella praça, desfilar diante de si Madrid e as provincias...» (Anselmo de ANDRADE, *Viagem na Espanha*, Coimbra, Antiga Livraria França & Arménio, 1923, 18 [1ª ed. 1903]); «A *Puerta del Sol* tem o movimento de uma feira; os garotos (*golfos*) correm de um para outro lado, offerecendo jornaes e cartões postaes; a todo o instante entram e saem electricos (*tranvías*); falla-se, conversa-se alto com muitos gestos; à porta do Hotel la Paix carroças carregam e descarregam bagagens; defronte, no Ministerio de la Gobernación, soldados da Guardia Civil e da Guardia de Seguridad rondam em passadas largas; à porta dos cafés, toureiros e vagabundos (*cesantes*) discutem numa algazarra...» (Thomas LOPES, *Paisagens de Hespanha*, Porto, Lello & Irmão, 1910, 19); «A *Puerta del Sol*, praça inestética, ladeada por edificios vulgares, confluencia de todo o movimento da cidade, é de noite muito mais clara do que em pleno dia...» (Henrique BRAZ, *Longe do meu horizonte (Viagens)*, Angra do Heroísmo, Tip. Moderna, 1934, 55 [mas apontamentos de uma viagem realizada em 1920, como declara o autor em vários momentos do texto]).

domina»²⁵ –, mas ainda, em tons de um parnasianismo mitigado, «de laranjas totalmente cheias, / as tendas aromáticas de fruta...». Gente, movimento, cor, abundância, perfumes são a certeza – «vê-se» – «que um sangue alegre flui nas veias / deste povo ditoso que disfruta / um, de riqueza e paz, duplo tesouro»... Com tantos amigos e conhecidos de diferentes quadrantes políticos, é curioso que, se não os escreveu nesses dias de Março de 1922, se permita publicar – ilusão ou tributo de escola à arte impassível do seu Th. Gautier? – estes versos em Julho de 1923, dias em que a profunda perturbação política e social – a cruel e implacável repressão dos movimentos sociais em Barcelona pelo General Martínez Anido entre 1920 e 1922..., o assassinato do Presidente do Governo, Eduardo Dato, em Março de 1921..., a violenta agitação agrária e municipal na Andaluzia e operária na Catalunha..., os enfrentamentos de rua de socialistas e anarquistas..., a queima de igrejas²⁶... – abria caminho à ditadura de Primo de Rivera (13.9.1923)... É certo que a volatilidade política desses anos não impediu que continuasse a evidenciar-se um profundo renascimento cultural – digamo-lo também «edad de plata» – em que, de algum modo, Eugénio de Castro também participava²⁷...

De Córdoba, «rica meca do Ocidente», para além de ponderar a sua «sabedoria interior» traduzida na discrição aparente da sua grande mesquita, o poeta mostra, em estilo de postal ilustrado, «ruas desertas, d'altos muros, onde / os portais deixam ver pátios discretos / com palmeiras, jasmíns, nardos em flor / e repuxos...». De nenhuma das outras cidades oferece *A Mantilha de Medronhos* uma vista geral contrastando a vida fervilhante de uma capital, Madrid²⁸ – uma capital ainda rodeada de campo... –, com a paz refinada e longínqua de Córdoba, mas é curioso que de ambas anote, como bom simbolista, os perfumes que as caracterizam ou que num momento lhas definiram...

De Badajoz apenas aponta o que diríamos hoje o seu centro histórico: «ruas estreitas, comprimida grei, / a ponte, um arco de pedra na portagem, / a sé morena, a torre de menagem», tudo visto «entre vagas sombras», porque das três vezes que lá parou foi «sempre à noite, e sempre de passagem»...

Das outras cidades anotou o monumento que as define: em Madrid, «Nuestra Señora de las Comunicaciones», «monstro de pedra»..., «novo Escorial»..., «catedral-pesadelo dos correios, / que em comunhão repartes estampilhas» – um dístico aprendido nas «crueldades de ferrete» de Guerra Junqueiro²⁹ – não é, evidentemente, do agrado do poeta, que lhe prefere, ele que se diz sua visita frequente³⁰, o Museu do Prado, essa «outra Sé, que perto humilhas / e onde fulgura o altar de São Velasques», em El Escorial, «o granítico monstro filipino / envolto em bruma azul / [que] dela [...]

25. É curioso que em 1925, ao recordar os dias que passou em Madrid, Eugénio de Castro tenha visto flores nas vitrinas e «nas cabeças das raparigas» não rosas como no poema de 1922, mas «as chamas dos cravos andaluzes» (*Cartas de torna-viagem*, I, 27).

26. Hugh THOMAS, *La Guerra*, 34-96.

27. José Carlos MAINER, *La edad de plata (1902-1936). Ensayo de interpretación de un proceso cultural*, Barcelona, Asenet, 1975 é ainda um marco a ter em consideração. Curiosamente, pelos mesmos dias, um açoriano que rapidamente visita Madrid, diante da esplêndida iluminação nocturna da cidade e do seu intenso movimento, das riquezas artísticas de *El Prado*, comentava: «Presumo que a vida madrileña dará a medida exacta da situação do país [...]. A Espanha ressurgiu. E a súbita e maravilhosa ascensão da Espanha não é só política e económica – é literária e artística» (Henrique BRAZ, *Longe do meu horizonte*, 69).

28. Não é necessário aqui pensar imediatamente em *Puerta del Sol*, mas Azorín, esse Azorín que se diz «cansado de sus diez años de Madrid» (*La voluntad*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1939, 152 [1ª ed. 1902]..., C. Baroja nas suas *Memorias*..., ou Antonio Machado quando recorda a «experiencia trágica» que, em 1936-37, dela varreu o «señorito», nunca esquecem o fervilhar da sua vida (para alguma destas alusões, José Luis ABELLÁN, *Visión de España en la Generación del 98. Antología de textos*, Madrid, Emesa, 1968, 97-124).

29. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 18.

30. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 27.

encara [o visitante] / com o filipino olhar de mil janelas» –, em Toledo, essa cidade que, por esses anos, surgia aos intelectuais espanhóis como o refúgio para a Babilónia de Madrid³¹, e que sempre se associa ao Tejo e ao Greco, anota, sem adjectivos, a sé onde «na capela mosarabe [ouviu] missa», e, em soneto oferecido a António Sardinha que aí viveu exilado entre 1919 e 1921, se volta a recordar a catedral, também regista esse «jardim petrificado» que lhe parece a igreja de San Juan de los Reyes... e, como lugar de refresco, «a arcaria do Zocodovér...»; «sem ofensa às duas sés», chama a atenção para que «no *Palácio de las Conchas* de Salamanca há uma grade / forjada em ferro com primor tamanho / que [...] a tenho / pela mais linda joia da cidade»; em La Flecha, esse «oasis» [que] no Tormes se remira», permitiu-lhe voltar a ler, ao som da «fontana pura» celebrada por Fr. Luis de León, as líras do poeta que, «tangendo a lira» «e a cátedra trocando p'la charrua, / do mundo se alheava que delira»; o *Pátio dos Leões* da Alhambra serve-lhe, como já sabemos, para meditar no seu envelhecimento, pois agora, diante da formosura de uma inglesa não se comoveu como quando jovem, «há muito tempo», entendamos «há vinte anos», aí tinha encontrado uma «de tez albirosada / douradas tranças, lábios de medronhos...»; Sevilha, para além da Giralda, de S. Telmo e da Casa de Pilatos – os atractivos de sempre –, tem ruas esguias – a *Sierpes*, por exemplo – onde «fervilha [...] o povinho»...e, como veremos, figuras humanas que são símbolos; de Málaga apenas assinala «uma colina / donde em claras manhãs se descortina / Ceuta, a Ceuta da glória e dos azares» que, nos dias em que tentou, sem êxito, avistá-la, passava ainda por essa guerra que Espanha mantinha em Marrocos desde 1860...; De Mérida, terra a que o ligam velhos laços de sangue – não só «de ilustre gente minha, os nobres Veras», mas também de outro «fidalgo principal» Don Gonzalo Ruíz de Sandoval –, se alude ao seu aqueduto romano onde poisam cegonhas, aponta o abandono ruinoso de uma cidade mirando-se «velha e triste no Guadiana...»; a ponte sobre o Rio Minho que une Portugal a Espanha é, naturalmente, elevada à categoria desse «emblema, / que é frequente ver / nas missivas de amor, do amor que inquieta...», e a sua catedral – «velha e carrancuda», «denegrida e forte como um castelo da Idade-Média»³² – são os dois monumentos que destaca de Tuy, uma cidade onde, desde a estação à Sé, só vê «Padres, padres, padres»...; se de Vigo apenas anota o intenso movimento do seu porto – o que desperta uma meditação melancólica sobre o seu «outrora» aventureiro e o seu presente desejoso de quietude – a visita à catedral de Santiago resume-se, suscitada pela imagem do Apóstolo que lhe é mostrada por um guia excessivamente «falador», a uma lição de curiosidades históricas próprias de um guia de viagem e de La Coruña não evoca mais do que a *Torre de Hércules*, o seu mítico farol... De Burgos, com um «rio d'areias só» – o Arlanzón seco – correndo sob «uma ponte de arcarias velhas», destaca «da catedral as góticas agulhas» que, se for correcta a nossa interpretação do último verso – «E mais suave a carícia na lembrança» –, já teria visto reflectidas na água desse rio... Como aludimos, viu-as, pelo menos, em 1889, ano em que, «À volta de Bordeus, num meio-dia outonal...», esteve – pela primeira vez? – em Burgos, recordando, em *Oaristos* (1890), com outra emoção, as duas horas que diz ter gastado a «ver o exterior, / detalhe por detalhe» da velha catedral e «as sombras evocar do Cid e de Ximena»³³.

Dos museus, sempre indirectamente, para além do Prado onde contemplava «São Velasques», somente recorda o poeta o de Sevilha onde foi ver Zurbarán e de Toledo, mesmo que o não diga, sabe que é o «museu» de El Greco... É pouco, mesmo que lhe juntemos esse Ribera de cujos «quadros eremíticos» lhe pareciam copiadas «as grenhas e barbaças» dos pobres do seu tempo de quem

31. Santos JULIÁ, *Historias*, 78.

32. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 167.

33. Eugénio de CASTRO, *Oaristos*, in *Obras poéticas*, I, 64-67.

faz o «elogio»³⁴ em termos de um romantismo que parece querer actualizar não tanto as pinturas barrocas que os retratam como algumas páginas da literatura picaresca mal lida com os olhos em *Examen de los Pobres* de Fr. Domingos Soto...

Mas Espanha também são festas – toiradas, principalmente –, romarias e mercados. Em Sevilha «na casa acolhedora» do marquês de Bobadilha, depois de «lauto banquete», vai à toirada da qual, se omite qualquer referência ao espectáculo, se demora a descrever a animação dos que para lá partem em típico carro de cavalos sevilhano – «a trote largo, abala o trem com guizos»... Pontevedra onde, nesse dia, «a multidão é um mar / em maré de febril desassossego», para o poeta resumiu-se às festas da *Peregrina* – visita a uma igreja..., morteiros..., toiros – e a ter ouvido, enlevado, falar galego num «estanco»... A outras festas, anunciadas por gaitero e gigantões, assistiu em Orense, mas ao forte som dos tambores a primeira ideia que lhe ocorreu foi o de se tratar de «bombas» e serem sinal de «revolução»... Poderá ser uma violência ao texto, mas em 1900 – se o poema, de algum modo, alude efectivamente à primeira visita do poeta à Galiza – as bombas, como se sabe, já rebentavam por Espanha e, como lembrava Unamuno, já em 1908 os anarquistas galegos, se não atentavam com bombas, andavam «a tiro limpio en las calles»³⁵... «Não [era] nada afinal de gravidade»... Em Madrid, o *Rastro*, é não só um «mercado singular» comparável «à *Feira da Ladra* em velhos dias», onde se vendem «quinquilharias, / velhos Cristos sem cruz, Virgens sem cro'a, / uma viola fendida, que não sôa, / rachadas loiças e farraparias...», mas também uma atracção – «Todo este lixo atrai olhos arfantes / como um narciso atrai chusmas de abelhas» – que define a cidade...

Nas suas deambulações pelas ruas..., pelas escadarias das catedrais..., ao passar pelas portas dos pátios fixou rapidamente pormenores e figuras que ajudam a compor a visão da cidade ou até, como outros elementos aparentemente mais comuns ou notáveis, a defini-la. Madrid, como sugerimos, parece caracterizar-se tanto pelo seu movimento, como pelas «de laranjas totalmente cheias, / as tendas aromáticas de fruta...»; em Toledo, depois de uma «tarde abafadiça», sinal consolador, «a aragem movediça / agita, no quintal, roupa a secar...», e na mesma cidade, de que E. Castro sublinha particularmente o calor, «dois franciscanos / fogem do sol, que os queima na tonsura»...; em Córdoba, «os portais deixam ver pátios discretos / com palmeiras, jasmins, nardos em flor...»; em Sevilha, no pátio com azulejos da casa do marquês de Bobadilha, «rebrilha / um cantante repuxo que o sol doura...»; Tuy, mais do que pela sua «velha e carrancuda catedral» define-se pela multidão dos padres: «... na estação, ao sol ardente, / dez padres, e mais na hospedaria.../ Vou ver a sé: padres na escadaria, / a subir e a descer torrencialmente. / Entro na igreja: padres às centenas...». Naturalmente, cruza-se com outros turistas, como aquele «alto e ruivo inglês, / de Baedeker na mão, [que] com fixidez / olha p'ra fora, atletico, a meu lado» que encontrou no combóio para El Escorial³⁶... ou o «tropol de norte-americanos» que vê passar em Toledo e no *Pátio dos Leões* da Alhambra podem sempre encontrar-se «gentis» inglesas... de «tez albirosada, / doiradas tranças, lábios de medronhos...»... Ou, pelo menos, diz o poeta que assim lhe aconteceu nas duas ocasiões, com intervalo de 20 anos, em que lá esteve... Sevilha, para além dos toiros..., dos típicos carros com guisos..., das castanholas... é também – e, talvez, principalmente – possível ser definida pela graça («salero») das suas mulheres como

34. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 205-216.

35. Miguel de UNAMUNO, «Epitáfio» (Salamanca, Febrero de 1908 [a propósito do Regicídio]), in *Por tierras*, 32.

36. Eugénio de CASTRO, *Cartas de torna-viagem*, I, 167, anota outro encontro com um inglês, num comboio, em Espanha (1924): «Por mais que eu quizesse conhecer a paisagem, por onde o comboio ia rodando, só conseguia ver espalhados no vidro da portinhola o interior iluminado do compartimento, o meu vulto e o vulto do meu companheiro, um loiro e corpulento inglês, que no dia imediato devia embarcar para o Chile...».

a marquesa de Bobadilha que «loura / põe um cravo nas rendas da mantilha»..., pormenor de retrato que, iluminando o vermelho e o amarelo (o louro dos cabelos), remete novamente para as cores nacionais espanholas e volta a identificar – ou parece voltar a identificar – Espanha com essa Andaluzia das «espanholas» que, como sugerimos, povoam muita da literatura de viagens – e não apenas de portugueses – por Espanha e que bem sabemos desfavoravelmente retratadas em algumas páginas de Eça. E, talvez, por isso, ainda que em aparente contraste com o retrato da sua Musa vestida de sevilhana ou com o da marquesa de Bobadilha, é significativo que o poeta-viajante escolha, como outro elemento definidor da capital andaluza – aqui identificada com o seu bairro de Triana –, «Esclavidud, a Cigarreira» que, trabalhadora numa manufactura de tabaco, noiva de um oleiro morto «co'a cornada dum boi numa virilha», vestindo «eternos lutos, de escumilha», é, com os seus «olhos de esmeralda», «a mulher mais triste de Sevilla». Compreende-se que «os estrangeiros – logo também o poeta? –, vindo da Giralda / de São Telmo e da Casa de Pilatos – os monumentos que todo o turista deve (ou devia) admirar – / Quando ela sai da fábrica, vão vê-la»³⁷...

De resto, como informação complementar – óbvia mesmo num poético guia de viagem – assinalemos o eterno céu azul – «dia doirado e azul» – de Madrid..., de La Flecha – «céu de puríssima safira» –, de Granada – «lindo céu...» –, La Coruña – «azul do céu riscado p'las gaiotas...» – e, o sol se primaveril, como nesses dias de Março de 1922, «derrama / brando afago, que as almas ilumina», no verão, «ardente»..., que «pica», causa esse intenso calor – a «tarde abafadiça» de Toledo... ou «a canícula de cálidas centelhas» de Burgos... – que leva o viajante a refugiar-se no fresco de uma catedral – em Toledo, por exemplo, «na Catedral, que paz, que frescura» – ou a descansar, saboreando «uma orchata de chufas», «sob a arcaria do Zocodovér».

Apoiados na realidade das suas viagens por Espanha, tentamos propor *A Mantilha de Medronhos* como um texto que as documentava... E nada há que nos impeça de aceitar que, de certo modo, o poeta reunia, em 1922-23, uma série de poemas dedicados a 18 cidades que, em diferentes ocasiões, tinha visitado. No entanto, convirá perguntar se a sua tradução dessa visita – de cada uma individualmente e na sua globalidade – é o resultado de uma observação pessoal e directa ou se, mesmo que mitigadamente, lhe foi suscitada pelas suas leituras de crónicas..., guias turísticos... e até livros de viagens... As razões desta aparentemente estranha questão são, em primeiro lugar, a estrutura de apresentação da própria *A Mantilha de Medronhos* e, depois, as consequências dessa apresentação. Recordamos, certamente, que nesse livro todos os poemas, iniciados em página ímpar, são precedidos na respectiva página par por um ou mais pequenos textos – um provérbio..., uma citação de uma crónica..., um excerto de um livro de viagens por Espanha... ou de um guia turístico... – que o poema retoma em glosa mais ou menos amplificada. Para o nosso ponto de vista não terá interesse analisar as relações entre os dois textos – o texto alheio (chamemos-lhe texto, mesmo quando é constituído por mais do que excerto) e o poema – ao longo dos 25 sonetos – relações, aliás, nem sempre imediatamente evidentes – e, por isso, serão bastantes alguns exemplos que, naturalmente, nos parecem mais significativos desse trabalho literário³⁸.

37. Um dos mais interessantes autores da literatura de viagens nos fins do século XIX, Ricardo Guimarães (Visconde de Benalcanfor), já evocava vivamente em *Impressões de viagem. Cadiz, Gibraltar, Paris, Londres*, Porto, Viúva Moré, 1869, 50-53, «as cigarreiras» como um dos traços característicos da paisagem urbana andaluza desses dias.

38. Na transcrição que se segue respeitamos, com as suas evidentes gralhas, a ortografia da edição que seguimos. Pusemos em destaque o título do soneto que, em página ímpar, com a respectiva dedicatória, o anuncia, continuando com a página par em que aparecem os textos sobre a respectiva cidade seleccionados pelo poeta, terminando com a página ímpar em que, com repetição do título, começa o anunciado soneto.

SALAMANCA

A D. Miguel de Unamuno //

L'Espagne semble avoir été de tous temps le pays par excellence des armes du fer.

Baron Ch. Davillier, *Les Arts décoratifs en Espagne*

O primeiro destes edificios deve o seu nome às conchas levantadas na pedra que taxeam as duas paredes do exterior, quebrando-lhe a monotonia das grandes superficies lisas, e concorrendo com o seu volume arredondado para suavíssimos efeitos de luz e sombra, na tonalidade dourada da pedra. As janelas, de traçado que faz lembrar o árabe, são graciosíssimas, os balcões de ferro forjado verdadeiros primores de serralharia...

Lino da Assunção, *Em Hespanha*

LA FLECHA

A D. Luis Maldonado //

Del monte en la ladera
Por mi mano tengo plantado un huerto,
Que con la primavera,
De bella flor cubierto,
Ya muestra en esperanza el fruto cierto.

Y como codiciosa
Por ver e acrecentar su hermosura,
Desde la cumbre airosa
Una fontana pura
Hasta llegar corriendo se apresura;

Y luego, sosegada
El paso entre los árboles torciendo,
El suelo de pasada
De verdura vistiendo,
Y com diversas flores va esparciendo.

Fray Luiz de León, *La vida del campo*

A cosa de una legua larga de la ciudad de Salamanca, junto al viejo camino real de Madrid, y a orillas del claro Tormes, se encuentra el deleitoso paraje de la Flecha, cuyo sosiego cantó el maestro Fray Luis de León.

D. Miguel de Unamuno – *Paisajes*.

SALAMANCA

No *Palácio das Conchas* há uma grade Forjada em ferro com primor tamanho, Que, sem ofensa às duas Sés, a tenho Pela mais linda joia da cidade.

Ferreiro que fez tal preciosidade,
Conscio do seu nunca igualado engenho,
Fê-la, num altivo, olímpico arreganho,
Para abater dos homens a vaidade.

– «Metal (disse êle.), não o há vil nem nobre!
«Tudo é metal: o oiro, o ferro e o cobre...
«Sómente a Arte em fidalguia o investe!

«Como os homens: nem nobres nem plebeus!
«Nascem nus todos! E, ante o olhar de Deus,
«Só o Génio ou o Amor de lhama os veste!»

LA FLECHA

Sob um céu de puríssima safira,
Onde o sol na agonia se extenua,
De Salamanca na charneca nua
Êste oasis no Tormes se remira.

Aqui, Frei Luis de Leão, tangendo a lira,
Cujo éco ainda nas almas se insinua,
E a cátedra trocando p'la charrua,
Do mundo se alheava que delira.

Acolá mana ainda a *fonte pura*,
Que ele cantou em místico remonte,
Com os olhos da alma em Deus imersos...

Releio essas estrofes com ternura,
E sinto, ao saborear a água da fonte,
Que estão tão frescos como a água os versos!

CORDOBA

A D. Eugenio D'Ors //

... un *patio* entouré de colonnes de marbre blanc coiffées de chapiteaux moresques provenant sans doute de la démolition de quelque ancien palais arabe. Un petit bassin à jet d'eau, creusé au milieu de la cour, y entretenait la fraîcheur... C'est là que nous prenions nos repas, que nous lisions, que nous vivions. Sans le *patio*, disposition architecturale qui rappelle l'ancien *cavaedium* romain, les maisons d'Andalousie ne seraient pas habitables...

Théophile Gautier – *Voyage en Espagne*

SEVILHA

I – A los toros!

A D. Juan G. Olmedilla //

Quien no ha visto Sevilla,
No ha visto maravilla!

Provérbio espanhol

CORDOBA

Cordova, a rica Meca do Ocidente,
Onde Lucano viu a luz do dia,
Mantem-se mestra de sabedoria,
Sisudo aviso de insana gente.

Vista do exterior, ninguém pressente
Da mesquita a fantástica arcaria,
Seus mosaicos de acêsa pedraria,
Suas selvas de pórfiro esplendente.

Ruas desertas, d'altos muros, onde
Os portais deixam ver pátios discretos
Com palmeiras, jasmíns, nardos em flor

E repuxos dizendo: – «O sábio esconde
«No mesmo saco o oiro e os seus afectos:
«Só se é feliz na vida interior!»

SEVILHA

I
A los Toros!

Fui ao Museu ver Zurbaran. Fervilha
Na estreita *Sierpes* o povinho. Agora
Vou almoçar na casa acolhedora
Dum amigo, o marquês de Bobadilha.

Almoça-se no pátio, onde rebrilha
Um cantante repuxo que o sol doura,
E, entre azulejos, a marquesa loura,
Põe um cravo nas rendas da mantilha...

Lauto banquete: amejoas, pimentões,
Arroz com açafraão, vitela, frutos,
Vinho de Rioja, dôces, graças, risos...

Vamos à toirada! Saudações.
O marquês distribui grandes charutos,
E, a trote largo, abala o trem com guizos...

PONTEVEDRA

**A D. José Manuel Bartolomé, Reitor do Colégio de Santo Ambrósio de Salamanca, onde fui princi-
pescamente agasalhado em setembro de 1909 //**

Pontevedra é boa villa,
Dá de beber á quem pasa...

Cantiga popular galega

.....
Este idioma, compendio d'os idiomas,
Com'onha serenata pracenteiro,
Com'onha noite de luar docísimo,
Será – qué outro sinon? – será o gallego.

.....
Idioma en que garulan os paxáros,
En que falan os ánxelos òs nenos,
En qu'as fontes solouzan e marmullan
Entr'os follosos álbores os ventos.

M. Curros Enriquez – *Aires d'a miña terra*

LA CORUÑA

A D. Andrés Martínez Salazar //

Ouh, meiga cibdá d'a Cruña,
Cibdá d'a torre herculina...

M. Curros Enriquez, *Aires d'a miña terra*

Respecto de esta torre hubo la creencia popular de que en ella existia un maravilloso espejo en el cual se podia ver todo cuanto pasaba en el mundo, aun en las tierras más lejanas.

Enciclopedia Universal Ilustrada

PONTEVEDRA

Festas da *Peregrina*. Apenas chego,
Sei que não há no hotel um só logar.
Na rua, ao sol, a multidão é um mar
Em maré de febril desassossêgo.

Uma igreja visito. Compro a um cego
Bilhete para os toiros. Troam no ar
Morteiros; e no estanco, onde vou dar,
Oiço (estarei no céu?) falar galego.

Compota amorosissima de rosas,
Cheio de desinencias carinhosas,
O galego é uma língua apaixonada.

Um quase português d'anjo estrangeiro...
E a admirar a sobrinha do estanqueiro,
E a ouvir galego... foi-se-me a toirada!

LA CORUÑA

No azul do céu riscado p'las gaivotas,
De Orzan doirando a cérula baía,
Erguese a *Torre de Hercules*, e guia
As naus em suas humidas derrotas.

Ela, que orientou fenícias frotas,
E luz agora como então luzia,
Segundo a lenda conta, possuia
Mágico espêlho, em épocas remotas.

Via-se nêse espêlho retratado
Tudo o que nêste mundo de incertezas
Se ia passando, próximo ou distante.

Mas o espêlho perdeu-se, ou foi quebrado
Por quem viu nêle quantas mil tristezas
Cabem chorosas no dedal dum instante!

BURGOS***Ao Conde de Romanones, Presidente do Ateneu de Madrid.* //**

Burgos, ville de 3085 hab.,... Elle est située au milieu du plateau uniforme du N. de la Castille, qu'arrose l'*Arlanzon* (Arlençon), cours d'eau insignifiant, mais redouté par ses inondations... On y a vu tomber de la neige à la fin de juin. Mais l'été est extrêmement chaud; le vent du S., qui souffle alors, est brûlant. Le dicton: *nueve meses de invierno, tres de infierno*, appliqué parfois à Madrid, est originaire de Burgos.

K. Baedeker – *Espagne et Portugal*

BURGOS

No areal do Arlanzon pastam ovelhas,
Tão sêco está o rio sob o ar candente,
E sabe-se que é um rio, unicamente,
P'la sua ponte de arcarias velhas.

Da canícula as cálidas scentelhas
Sugaram-no de todo, em fúria ardente...
Rio sem água é um coliseu sem gente,
Triste rosal sem rosas nem abelhas...

Rio d'areias só, que não marulhas,
Nas águas, que não tens, me causa mágua
Espelhadas não ver, em tarde mansa,

Da catedral, as góticas agulhas!
Mais luminoso é o monumento na água,
E mais suave a carícia na lembrança!

Diante destes exemplos poderíamos sempre perguntar qual dos textos deveríamos ler em primeiro lugar... A ordem normal de leitura sugeriria que a página par fosse lida antes da ímpar... E, por isso, podemos continuar a perguntar: foram os textos de guias e livros de viagem a sugerir o poema ou a realidade visitada com o apoio desses textos? A resposta parece ser que o poeta quis, independentemente do que pudesse transparecer em um ou outro sentido, deixar um testemunho mais – ou diferente – do seu labor poético. Neste momento, porém, será mais interessante, do nosso ponto de vista, chamar a atenção para o facto de que, qualquer que seja a melhor solução, a visão de Espanha transmitida pelos 25 sonetos não fica alterada e *A Mantilha de Medronhos* poderá ser lida não só como um poético roteiro sentimental, mas também como um testemunho de sedimentação de memórias – do encontro ou reencontro com a cidade visitada e das leituras do poeta-viajante num jogo de remissões intertextuais, que, por vezes, se estende por diferentes poemas³⁹. Por algo, o poeta preveniu que o livro oferecia um conjunto de «impressões e recordações de Espanha»...

Mas, ao dedicar o livro ao rei de Espanha e cada um dos poemas a uma personalidade destacada da sociedade espanhola – dedicatórias algumas vezes acompanhadas de alusões às razões circunstanciais que as ditaram – Eugénio de Castro, quaisquer que sejam os critérios da selecção, oferece uma interessante perspectiva da cultura espanhola desses anos de 1900 a 1922 vista – e agradeçamos que o confesse – através dos «[seus] amigos, todos Grandes de Espanha, pelo sangue ou pelo espírito...»⁴⁰.

39. Independentemente de o poeta visar duas cidades andaluzas e, por isso, com *habitat* comum ou semelhante, parece-nos ser, por exemplo, o caso do texto de Th. Gautier referente à vida no *patio* de Córdova que continua ou parece que continua a espelhar-se no I soneto sobre Sevilha.

40. Eugénio de CASTRO, «Memórias de um coxo», in *Cartas de torna-viagem*, I, 27.

Se, como cremos, não teria qualquer sentido traçar aqui as biografias de cada um desses «Grandes de Espanha» e apurar com precisão as suas relações de amizade ou de simples conhecimento com um poeta que, em 1922, quis dedicar-lhe um soneto – uma investigação que algum dia terá de ser desenvolvida com obras e documentos na mão – terá, contudo, algum interesse oferecer aqui o seu rol e, sempre que seja possível e se justifique, situar o dedicatário e aludir a algumas das circunstâncias que, como para algumas recorda o próprio autor, poderão ter contribuído para a oportunidade da dedicatória recebida. Convirá, porém, prevenir de que, se exceptuarmos a dedicatória do soneto sobre Salamanca a Miguel de Unamuno – justificável pelas velhas relações de amizade entre o poeta e o Reitor da Universidade de Salamanca –, a de um dos sonetos acerca de Toledo a António Sardinha – que aí esteve exilado – e a de Granada a Juan Ramón Jiménez – talvez justificável pela naturalidade andaluza do poeta (Moguer, Huelva) – todas as outras não parecem ter sido ditadas por qualquer relação do dedicatário com a cidade celebrada pelo poema.

Abrindo a colecção com um soneto («Olé, olé, salero!») dedicado ao marquês de Quintanar, Fernando Gallego de Chaves Calleja – um monárquico, e, através da obra e das relações pessoais com António Sardinha, «gran lusófilo»⁴¹, profundo conhecedor e admirador das doutrinas do *Integrismo Lusitano*, futuro conspirador e, em 1931, fundador de *Acción Española*⁴² – e encerrando-a com o poema («Burgos») dedicado ao conde de Romanones, Álvaro de Figueroa y Torres – político palaciano de escassos escrúpulos, Presidente do Senado, 17 vezes ministro e 3 Presidente do Governo, Presidente do *Ateneo Madrid*⁴³ e, como há-de recordar Eugénio de Castro em uma das *Cartas de torna-viagem*, seu «colega na manqueira»⁴⁴ –, poderia, mesmo que o poeta eluda tal dimensão tanto nas dedicatórias como no texto – o que não significa, como o confessa, que sempre Eugénio de Castro tivesse andado arredado da militância política⁴⁵... –, cair-se na tentação de ver essa colecção numa imediatista perspectiva política, política, porém, de que, como sempre, era inseparável a cultura desses dias.

Os restantes poemas estão dedicados a Antonio de Maura – político não muito popular, ministro e várias vezes Presidente do Governo (era-o durante a «Semana trágica» de Barcelona em 1909 e depois do «desastre» de Marrocos em 1921, por exemplo) e, nessa qualidade lhe dedica Eugénio de Castro o primeiro soneto sobre Madrid, Presidente da Real Academia Española –, a Ramiro de Maeztu – uma das figuras relevantes da chamada «Generación del 98» que «atraído por el anarquismo, embajador [em Argentina, sob a ditadura de Primo de Rivera], periodista y ahora [1931] casi un fascista»⁴⁶ e, como outros membros de *Acción Española* de que, aliás, foi um dos funda-

41. Pedro SAINZ RODRÍGUEZ, *Testimonios*, 277

42. Hugh THOMAS, *La Guerra*, I, 80, 175; Pedro SAINZ RODRÍGUEZ, *Testimonio*, 122.

43. Pedro SAINZ RODRÍGUEZ (cf. *Testimonio*, 65-81) dedica todo um capítulo ao *Ateneo* desses anos com particular atenção ao conde de Romanones, escritor e homem político.

44. Eugénio de CASTRO (cf. «Memórias de um coxo», in *Cartas de torna-viagem*, I, 34) lembrava «ter por colegas na manqueira, várias celebridades, como Lord Byron e o meu ilustre amigo Conde de Romanones».

45. Eugénio de CASTRO (cf. «O broche de safiras e pérolas», in *Cartas de torna-viagem*, I, 182), a propósito da sua convivência com António Sardinha, então aluno da Universidade de Coimbra, conta que «Passava-se isto nos últimos anos da monarquia, nesse agitado período que tão calamitosamente desorientou e dividiu os portugueses, ainda agora [1925] muito desorientados e divididos. Eu, que até aí fugira aterradamente da política, como de uma mulher de maus costumes, reconhecendo a certa altura que não devia manter-me nesse sistemático afastamento, porque a Pátria em perigo requeria para sua salvação o concurso decidido e ostensivo de todos os que a amavam com fervor e desinteresse, desinteressadamente me alistara no partido de João Franco, firmemente confiado nos dotes governativos e nas nobilíssimas intenções desse honrado estadista, empenhado então em purificar e fortalecer o regime...».

46. Hugh THOMAS, *La Guerra*, I, 80.

dores, conhecedor do pensamento de António Sardinha quem, por sua vez, sempre confessou as suas «dívidas» para com o autor de *Defensa de la hispanidad* –, a Manuel Cossío, isto é, Pedro Manuel Bartolomé Cossío, discípulo da famosa *Institución Libre de Enseñanza*, director do *Museo Pedagógico* até 1929, e em 1934, proclamado «Ciudadano de Honor de la República»⁴⁷, «gran español» que Juan de Mairena recorda aos seus alunos⁴⁸ –, a Elías Tormo – antigo deputado «maurista», Professor na Universidade de Madrid, célebre investigador de História de Arte, constando da sua bibliografia, entre outras obras maiores, *Os desenhos das Antigualbas que viu Francisco d'Ollanda, pintor português (...1539-1540)* que publicará em Madrid em 1940 –, a Luis Romano – que não logramos identificar –, a António Sardinha – na sua qualidade de exilado em Toledo entre 1919 e 1921 em consequência da sua participação na agitação monárquica que culminou com a chamada «Monarquia do Norte», o teorizador do *Integralismo Lusitano* vê republicado em *A Mantilha de Medronhos* o soneto que lhe havia oferecido Eugénio de Castro e que encerrava *Na corte da saudade* (1923), livro de sonetos de A. Sardinha que abria com um do marquês de Quintanar... –, a Miguel de Unamuno – «esse bufarinheiro das coisas da inteligência» no dizer de António Sardinha⁴⁹, amigo de longa data de Eugénio de Castro que com uma interpretação do seu poema *Constança* inaugurara o *Por tierras de Portugal y España*, onde recorda as horas que passou, em casa do poeta, em Coimbra, a ler os *Trabalhos de Jesus*⁵⁰, e que, depois do seu regresso do exílio (1930)⁵¹, voltará a ser nomeado reitor, desta vez perpétuo, da Universidade de Salamanca em 1934⁵² –, a Eugenio D'Ors – o filósofo catalão e incontornável investigador do Barroco como categoria estética, que, como escrevia em páginas datadas de 1921 dedicadas ao Barroco, «fielmente [guardaba] la memoria de una hora meridiana, cierto día de mayo, en el Jardín Botánico de Coimbra...», nessa Coimbra «donde se oye el arrullo de las tórtolas, cuando, al sonar la diana de los cuarteles, des-

47. Hugh THOMAS, *La Guerra*, I, 129-130, sobre as célebres «misiones pedagógicas» que promoveu durante a República.

48. Antonio MACHADO, *Juan de Mairena. Sentencias, donaires, apuntes y recuerdos de un profesor apócrifo* (XXXIV), in *Obras completas*, Madrid, 1957, 1116: «Era mucha la belleza espiritual del gran español que hoy nos abandona para que podamos encerrar su figura en las corrientes etopeyas de la españolidad. Tampoco nos quedan buenos retratos suyos. El mejor que poseemos es obra de un valenciano, que reproduce bien las finas calidades del cuerpo. Pero nada más. La expresión es débil y equivocada, como de mano que no acierta a rendir con firmeza el señorío interior sin pizca de señoritismo que todos veíamos en él...». [O índice analítico da obra oferece a identificação].

49. António SARDINHA, «A agonia de Agatão Tinoco», in *À lareira de Castela*, Lisboa, Eds. Gama, 1943, 26; «São os sofistas de ínfima espécie – genuínos palhaços da Inteligência, como Unamuno e Ortega y Gasset, quem rouba à nação irmã a flama épica em que ela estremece até à medula dos ossos. É um bando de invertebrados e desnacionalizados que preparam para a sua terra o abismo moral e social em que a nossa abala perdida...» (Id., «Paixão de Espanha» in *À lareira de Castela*, ed. cit., 87. Alguém que, mais adiante, havemos de encontrar no grupo que poderia dizer-se, passe a expressão, de «integralistas hispânicos» estava José María Salaverría que, em 1910, criticando Unamuno – e os da «Generación del 98» –, figurará, à volta de 1930, entre os pugnadores de um regime de tipo mussoliniano para Espanha que representam «los primeros eslabones de un fascismo español» (Santos JULIÁ, *Historia*, 96, 247-248).

50. Miguel de UNAMUNO, «Eugenio de Castro» (Salamanca, Marzo de 1907), in *Por tierras*, 11: «Nunca olvidaré la mañana en que el regalado sosiego de Coimbra, en el retiro de la casa de Eugenio de Castro, en ella, leíamos éste y yo aquel pasaje de *Os trabalhos de Jesús*, de Frey Thomé de Jesús, en que el buen fraile nos describe las miserias, apreturas y sufrimientos que padeció Cristo durante los nueve meses que hubo de estar encerrado en el seno de su Madre...».

51. Santos JULIÁ (cf. *Historias*, 210-211) faz uma interessante evocação do significado deste regresso e das manifestações que provocou.

52. Um interessante documento da homenagem da Universidade de Salamanca – e não só – a D. Miguel em 1934, por motivo da sua jubilação – homenagem que, como aludimos, se desdobrou numa homenagem a Eugénio de Castro – é o já referido «Suplemento Extraordinario» de *El Adelanto* de 29.9.1934.

fallecen de amor como cantineras...»⁵³ –, a Juan Ramón Jiménez – a quem, como recordamos, dedicou o soneto sobre Granada –, a Juan G. Olmedilla – tradutor para espanhol, em 1913, de *O rei Galaor* e, precisamente em 1922, de *Oaristos* e de *Horas* –, a Alejandro Padilla – «Ministro Plenipotenciário de Espanha em Lisboa» –, a Enrique Diez-Canedo – poeta e crítico teatral, colaborador de *El Sol*, estreitamente ligado a Ortega y Gasset y a Manuel Azaña, embaixador em Buenos Aires, difusor da obra de Juan Ramón, García Lorca, Max Aub e, depois de 1939, exilado no México –, a Ramón Pérez de Ayala – discípulo de Clarín, cujo primeiro livro de poesia, *La paz del sendero*, foi saudado por Ruben Dario, mas, sobretudo, famoso novelista com *Tinieblas en las cumbres*, *La pata de la rapoza* e *Troteras y danzaderas*, que, com Ortega y Gasset e Gregorio Marañón, veio a ser um dos «amigos y fundadores» do movimento *Al servicio de la República* (1930)⁵⁴ –, a Antonio G. Solalinde – conhecidíssimo medievalista, discípulo de Menéndez Pidal, e outro dos muitos intelectuais exilados nos começos da Guerra Civil –, a Andrés González Blanco – crítico literário, difusor dos Modernistas espanhóis, divulgador e tradutor de autores da literatura portuguesa (entre eles Eça e o próprio Eugenio de Castro⁵⁵), activo secretário da Secção de Literatura do *Ateneo* de Madrid⁵⁶, fazia parte do círculo político do marquês de Quintanar –, ao marquês de Figueroa, Juan A. y Losada – antigo ministro, Presidente do Congresso, muito relacionado com Antonio de Maura e frequentador do círculo político do marquês de Quintanar, crítico literário, membro da Real Academia Española e da Academia das Ciencias Morales y Políticas de Madrid –, a Francisco A. de Icaza – diplomata mexicano, poeta e crítico literário, assíduo frequentador do *Ateneo* de Madrid –, a Juan José García – «ferreiro e ourives, desenhador e mosaista, que pela multiplicidade das suas aptidões admiráveis, bem merecia ter vivido na cõrte florentina dos Medicis», no dizer da própria dedicatória –, a José Manuel Bartolomé – que, como esclarece a dedicatória, era «Reitor do Colégio de Santo Ambrósio de Salamanca, onde [o poeta foi] principescamente agasalhado em Setembro de 1909» –, a Francisco Maldonado – então professor de Literatura Espanhola, que, tradutor de *Constança*, virá também a ser o autor de uma larga nota de homenagem ao poeta aquando do seu Doutoramento *Honoris Causa* por Salamanca em 1934⁵⁷ –, a Andrés Martínez Salazar – editor e livreiro de La Coruña e Presidente da Real Academia Galega –, e finalmente, a Alberto Jiménez Fraud – um discípulo de F. Giner de los Rios na *Institución Libre de Enseñanza*, genro daquele D. Manuel Cossío a quem dedicou um dos sonetos sobre Madrid e mítico «Presidente da *Residencia de Estudiantes* de Madrid, onde, em Março de 1922, tão carinhosamente [foi Eugenio de Castro] hospedado», e que, depois de 1936, será outro exilado nessa Inglaterra que lhe tinha fornecido o modelo à «sua» Residencia e, mais tarde, na Suíça.

Mesmo que tenhamos que a observar no contexto cultural dos anos até 1923, o que parece

53. Eugenio D'ORS, *Lo Barroco*, Madrid, Aguilar, 1964, 31, 12 respectivamente.

54. Hugh THOMAS, *La guerra*, 51, 546; Santos JULIÁ, *Historia*, 217-218.

55. A Andrés González Blanco se deve, como já referimos, esse longo estudo sobre o poeta, publicado em *Hispania* (V, Juillet-Septembre, 1922) e aproveitado como introdução ao III vol. (*Sagrador*) das *Obras poéticas*.

56. Pedro SAINZ RODRÍGUEZ, que era seu amigo, assinala em *Testimonio y recuerdos*, 45, 76 essa actividade.

57. Francisco MALDONADO DE GUEVARA, «Eugenio de Castro» in «Suplemento Extraordinario» de *El Adelanto* de 29.9.1934 (É a extensa nota que ocupa as duas páginas finais desse «Suplemento»). Recorde-se que, na célebre e dramática sessão da «Fiesta de la Raza» em 12.10.1936 na Universidade de Salamanca, Francisco Maldonado, imediatamente desautorizado, em plena sessão, por Miguel de Unamuno que, como reitor, presidia, no seu discurso, atacando «violentamente al nacionalismo catalán y al vasco», punha, para «exterminarlos», as suas esperanças em «el fascismo «sanador» de España que sabría cómo exterminarlos «cortando en la carne viva como un cirujano resuelto, libre de falsos sentimentalismos» (Hugh THOMAS, *La guerra*, 547-548).

poder constatar-se desta lista de alguns dos «Grandes de Espanha pelo sangue ou pelo espírito» que foram seus amigos ou que, em alguma ocasião, o receberam com veneração, é a vasta panóplia de intelectuais com que, independentemente das orientações políticas de cada qual, conviveu, embora, como terão alertado algumas alusões que ficaram feitas, o grupo que, sob a direcção do marquês de Quintanar e Ramiro de Maeztu, veio a organizar-se politicamente como *Acción española*, ocupasse – ou desejasse ocupar – já à volta de 1920 um lugar nas orientações da «amizade peninsular» onde, naturalmente, cabia bem – ou poderia bem caber – Eugénio de Castro quer pelas suas relações pessoais quer pela sua obra em que, garantia um Unamuno suspeito para muitos desse grupo, «por debajo de las galas de la literatura, [...], palpita el espíritu más arraigadamente português»⁵⁸. O relato de uma das reuniões (Madrid, 1920) preparatórias da comemoração do centenário de Fernão de Magalhães e cimentadoras da «amizade peninsular» tal como a concebiam «as direitas dos dois países» – a expressão é de António Sardinha⁵⁹ – é uma lista de intenções e nomes que o poderiam documentar⁶⁰ pelas notáveis coincidências com a lista de «Grandes» a quem dedicou os sonetos de *A Mantilha de Medronhos*. No entanto, e sem que em tal haja qualquer contradição, essa mesma lista coincide parcialmente com a lista de amigos que organizaram o banquete com que o poeta foi homenageado no *Palace* de Madrid em 15.3.1922, isto é dois dias depois de ter sido recebido por Afonso XIII. Com independência das suas orientações políticas e das opções futuras, entre os organizadores estavam Enrique Diez-Canedo, marquês de Figueroa, Alberto Jiménez Fraud, Andrés González Blanco, Francisco A. de Icaza, Eugenio D'Ors, Juan G. Olmedilla, Ramón Pérez de Ayala, Antonio G. Solalinde⁶¹..., nomes que, ajudando, talvez, a explicar a razão de algumas das dedica-

58. Miguel de UNAMUNO, «Eugenio de Castro» (Salamanca, Marzo de 1907), in *Por tierras*, 13.

59. António SARDINHA, «Amizade peninsular» (Madrid, 10.5.1920), in *À lareira de Castela*, 285-289 (285).

60. António SARDINHA, «Amizade peninsular» (Madrid, 10.5.1920), in *À lareira de Castela*, 286-288: «Ainda últimamente os minutos de palestra oferecidos no Hotel Ritz, em Madride, a alguns dos nossos mais queridos exilados, pelo senhor marquês de Quintanar, prova bem como avança seguro do mais absoluto êxito, um intento nosso que é de meses apenas. O senhor marquês de Quintanar – gentilhomen de raça e de espírito, acaba de publicar com uma significativa carta do conde de Romanones, os seus conhecidos e belos artigos sobre *Portugal y el hispanismo*. [...] Reünindo à hora do chá no Ritz bastantes personalidades em destaque no meio literário madrileno, o pensamento do senhor marquês apresenta-se claramente no seu desejo de ligar por uma mais forte comunhão de inteligências e de sensibilidades aqueles a quem o amor conjunto de Espanha e de Portugal já tornavam irmãos mesmo antes de se conhecerem. [...] Dos nossos amigos, a convite do senhor marquês de Quintanar, estiveram no chá do Ritz, Luís de Almeida Braga, Antonio Sardinha e Vasco de Mendonça, não permitindo o luto recente do dr. Alberto de Monsaraz, que assistisse a tão delicada e inolvidável festa. Mais dois portugueses, – o dr. Álvaro dos Reis Torgal e Constantino Sotomaior, completavam a representação lusitana. Apresentou-os o senhor marquês de Quintanar aos outros convidados, entre os quais se encontravam, em primeira linha, os escritores, condessa de Pardo Bazan e D. Branca de los Rios, sobrinha de Amador de los Rios e directora de *Raza Española*. Via-se mais na assistência o marquês de Figueiroa, membro da Academia, senador do Reino, antigo ministro da Gracia y Justicia, o marquês de Castelbrabo, que com o seu nome de família Alvaró Alcalá Galiano afirma no *ABC* tão finas e saborosas crónicas, o marquês de Valdeglesias, director da *Epoca*, D. Vicente Sampérez, o insigne historiador da arquitectura medieval na península, José Maria Salaverria, o escritor tão querido pelo seu espanholismo incondicional, o poeta Goy da Silva, tradutor de Eugénio de Castro, André González Blanco, tradutor de Eça de Queirós, os beneméritos editores Saturnino e Rafael Calleja, etc., etc.. Com este grupo «integralista» está relacionado João Ameal que, precisamente em 1922, tinha entrevistado Eugénio de Castro, como recorda Andrés González Blanco, «Eugenio de Castro» em *Hispania* (V, Juillet-Septembre, 1922), aproveitado como introdução ao III vol. (*Sagramor*) das *Obras poéticas*, 81. Pedro Sainz Rodríguez, *Testimonio y reuerdos*, 298-304 desenvolve as recordações dos seus contactos com os «integralistas» portugueses quer em Espanha quer, mais tarde, durante o seu longo exílio em Portugal.

61. A lista dos organizadores do banquete pode ver-se em Andrés González Blanco, «Eugenio de Castro» em *Hispania* (V, Juillet-Septembre, 1922), aproveitado como introdução ao III vol. (*Sagramor*) das *Obras poéticas*, 85-86: além dos assi-

tórias, nos confirmam o ambiente cultural desse Madrid de 1922 donde brotam. Por isso, a dimensão política que temos vindo a sugerir, por muito alheia que, eventualmente, pudesse ser aos desígnios do poeta, se, pelo menos vista do lado de Espanha, parece não poder ser facilmente rejeitada, haverá, como aludimos, que redimensioná-la no contexto cultural desses anos que, como tem sido sublinhado, se caracterizam por essa «larga confusión y camaradería en la que hasta entonces [1929] la juventud literaria había compartido mesa y mantel en los mismos banquetes» e que, «selecta minoría», tinha «colaborado en las mismas revistas», e cujas «biografías se cruzaban o confundían sin que nada les obligara a separarlas...». Só a partir de 1923, com a instituição da ditadura de Primo de Rivera, se começam a definir os caminhos de cada qual... , que, em 1931, com «las plumas al servicio de las ideas» decididamente, decididamente também se separam⁶².

Mesmo que não apreciemos o «exotismo mitigado» desse conjunto de 25 sonetos que, como certamente já se apontou⁶³, com algo de «frivolidade elegante», oferece uma visão de uma Espanha urbana em que predominam as suas facetas andaluzas, *A mantilha de Medronhos* parece-nos que deve ver-se não só como um formoso volume de homenagem aos seus homenageadores e amigos espanhóis – uma espécie daqueles brindes a assinantes e amigos de que tanto se gostava nesses tempos – que à sua volta em 1922 – e alguns já desde 1900 –, se iam cruzando para nele celebrar «le premier poète novateur de la Péninsule»⁶⁴, mas também, a seu modo, como um excelente documento do ambiente intelectual da Espanha antes de 1923-1931 que tal permitia. E já não é pouco para fazer o seu encanto.

nalados, destaquem-se: Jacinto Benavente, Julio Camba, Américo Castro e Pedro Sainz Rodríguez. Note-se, uma vez mais, que, apesar desta sua participação na comissão organizadora desta homenagem, Pedro Sainz Rodríguez em *Testimonio y recuerdos* nunca se refere a Eugénio de Castro, mesmo quando evoca muitos dos seus amigos que com o poeta conviveram.

62. Santos JULIÁ, *Historias*, 178, 235, 247, 249.

63. José Carlos Seabra PEREIRA, «A nova poesia», 27.

64. Andrés GONZÁLEZ-BLANCO, «Eugenio de Castro» em *Hispania* (V, Juillet-Septembre, 1922), aproveitado, conforme dissemos já, como introdução ao III vol. (*Sagramor*) das *Obras poéticas*, 81.